

Capítulo II

2. 1 - Contos de Fadas

Ma Mère L'Oye é uma obra construída a partir de uma versão específica de narrativas dos *contos de fadas*, na qual Ravel apresenta uma interpretação particular inspirada nas idéias simbolistas.

Para introduzir melhor a discussão pelo que se entende como *contos de fadas*, buscou-se uma pesquisa sobre as duas palavras que compõem esse gênero literário oriundo da cultura popular e tão ligado à tradição oral.

De acordo com Massaud Moisés¹, a palavra conto é derivada do latim, *computu(m)*, *contu(m)*, cálculo, conta ou *commentu(m)*, invenção, ficção. Segundo ele, o conto é “de gênese desconhecida e remonta aos primórdios da própria arte literária”. Na Idade Média, já era mencionado como “enumeração de fatos”, “relato”, “narrativa”, embora não guardasse nenhum vínculo com a literatura. Entre os séculos XII e XIV, o conto se viu em sua “época áurea” com a transformação das gestas cavaleirescas em prosa². Era extremamente apreciado na Itália de Boccaccio e na Inglaterra de Chaucer, tornando-se posteriormente conhecido em outros países europeus e advindo, desse gosto, o surgimento de vários contistas. Dos séculos XVI e XVII, destacam-se as obras de Giambattista Basile e Matteo Bandello na Itália; Cervantes e Quevedo na Espanha; e na França, Margarida de Navarra, La Fontaine, Charles Perrault, Madame D'Aulnoy e Madame Leprince de Beaumont. Apesar de uma vasta

¹ MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002. p.98-100.

² Gestas eram composições poéticas em forma de canção que narravam as proezas e os feitos heróicos, reais ou lendários, da cavalaria medieval. HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p.1449.

produção concentrada nessa época, a narrativa do conto se mostrava bastante artificial, impregnada de afetação e intenções moralizantes que acabaram por lhe desvirtuar a identidade. Já no século XVIII, período turbulento e de caráter revolucionário, o conto se mantém à margem e sua narrativa é revestida de considerações filosóficas e irônicas, exploradas magnificamente pelo ilustre Voltaire e por alguns poucos escritores influenciados por ele. Hoje, entende-se que esse período, embora marcado por um menor volume de obras desse gênero, tenha sido de grande importância pelo fato de haver resgatado traços fundamentais da essência do conto e de lhe ter acrescentado um outro vigor. No entanto, é no século XIX que o conto se consagra como gênero literário e se afirma com os trabalhos de Ernst Hoffmann (Alemanha), Anton Tcheckov (Rússia), Edgar Allan Poe (Estados Unidos), Eça de Queirós (Portugal). Na França, sua legitimidade ocorre reunindo em torno de si uma lista excepcional de escritores: Balzac, Flaubert, Maupassant. No Brasil, destacam-se alguns dos muitos autores que, com igual conhecimento e habilidade, deixaram obras notáveis: Machado de Assis, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Guimarães Rosa. No início do século XX, o conto apresenta sutilezas que o tornam bastante próximo de cenas do cotidiano e se mostra, mais uma vez, extremamente vivo e presente com Franz Kafka, Máximo Górkí e Virgínia Woolf, entre outros.

Historicamente falando, o conto é a matriz da novela e do romance, mas apresenta características próprias que não o torna redutível a nenhuma dessas formas. Do ponto de vista dramático, o conto é unívoco ou univalente, ou seja, sua história gira em torno de apenas um drama. É importante esclarecer que a palavra drama, assim como outros termos derivados dela, está ligada a uma

situação de conflito ou a uma ação. Retomando, pode-se entender o conto como um gênero literário em torno do qual se tem apenas um enredo, uma história ou uma ação dramática, que flui convergindo para um único foco. Todas as demais características decorrem dessa *unidade de ação*. O espaço em que se desenvolve a narrativa é restrito (um cômodo, uma rua, uma floresta, um palácio), uma vez que apenas um ambiente terá, de fato, importância dramática na história. O tempo no qual se passa o conflito também é limitado, pois não há interesse no passado ou no futuro das personagens e a narrativa se concentra no momento presente se desenrolando, de modo geral, em horas ou dias. Como se pode observar, a *unidade de ação* gera uma *unidade de espaço* e uma *unidade de tempo* que resultam, por sua vez, no que se denomina *unidade de tom*; isto é, todos os elementos da narrativa precisam estar em sintonia, devem ser bem organizados e articulados na totalidade do texto para que possam despertar no leitor uma impressão que seja correspondente à idéia do autor. Deste modo, ao contista coloca-se o desafio de “provocar no espírito do leitor uma só impressão, seja de pavor, piedade, ódio, simpatia, acordo, ternura, indiferença, etc., seja o contrário delas³”. No que se refere às personagens, são poucas as que participam diretamente da ação dramática do conto. Geralmente não apresentam traços complexos de caráter e o seu perfil psicológico é bem definido e mostrado desde o início da história. A direcionalidade do texto, assim como a linguagem usada num conto, deve ser objetiva, não admitindo maior atenção a pormenores secundários⁴.

³ MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária*. São Paulo: Cultrix, 1997. p.23.

⁴ O relato sobre o gênero literário *conto* foi feito a partir de MOISÉS, Massaud. *op. cit.* nota 1, p.15-54 e MOISÉS, Massaud. *op. cit.* nota 3, p.98-104.

Quanto a palavra fada, naturalmente associada a um contexto fantasioso e sobrenatural, é apresentada por José Paulo Paes⁵ como proveniente do verbo *fatare, encantar*, e do substantivo *fatum, fado* ou *destino*, ambos termos do latim. Às fadas, seres dotados de poderes mágicos, cabia a tarefa de zelar pela sorte e pelo destino dos humanos orientando-os desde o seu nascimento e guiando-os para o bem ou para o mal. Essas divindades, segundo Paes, estão presentes em quase todas as culturas do mundo e, na Grécia, berço da cultura ocidental, eram conhecidas como as Moiras⁶ (ou as Parcas latinas⁷) da mitologia clássica. Vale lembrar que, na simbologia grega, as Moiras são a “personificação do destino individual⁸” traçado a cada um dos mortais e são elas as responsáveis na prescrição e no cumprimento de normas e leis que não podem ser questionadas nem mesmo pelos deuses, sob pena de se colocar em risco a ordem do universo.

Assim sendo, o *conto de fadas* pode ser visto sob duas perspectivas diferentes, mas absolutamente integradas: como um tipo de literatura específica que, depois de um trajeto de grandes transformações, enfim se consolida; e também como “depósito de um consciente e um inconsciente culturais coletivos⁹” no qual se encontram o folclore e o imaginário popular que

⁵ PERRAULT, Charles. *Contos de Perrault*. São Paulo: Cultrix, 1965. p.7.

⁶ A palavra grega Moira provém do verbo *méiresthai*, que significa ter em partilha, obter por sorte, repartir; e, donde se atribui às Moiras o sentido de parte, lote, quinhão, aquilo que cabe a cada um por sorte, o destino. O grande poder das três feiticeiras gregas se reflete no significado de seus próprios nomes – Cloto, Láquesis e Átropos. Cloto (= a que fia) é quem segura o fuso e puxa o fio da vida; Láquesis (= a que sorteia) é quem enrola o fio da vida e sorteia quem vai morrer e Átropos (= a que não volta atrás) é quem corta o fio da vida. BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1989. v.1, p.140 e 231.

⁷ As Parcas foram muito identificadas às Moiras e incorporaram, principalmente, sua função de presidir aos nascimentos, conforme seu nome romano derivado do verbo *parere, parir, dar à luz*, sugere. Semelhante ao mito grego, as três feiticeiras latinas, *Nona, Décima e Morta*, presidiam aos nascimentos, aos casamentos e às mortes, respectivamente. BRANDÃO, Junito de Souza. *op.cit.* nota 6, p.232.

⁸ BRANDÃO, Junito de Souza. *op. cit.* nota 6, p.230.

⁹ TATAR, Maria. *Contos de Fadas: edição comentada e ilustrada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.10.

por seu turno, se amoldam e se misturam às angústias e aos desejos mais profundos do ser humano.

Philippe Ariès¹⁰ e John Updike¹¹, dois pesquisadores deste assunto, ressaltam que os *contos de fadas* foram destinados, originariamente, aos adultos que, em sua maioria, não sabiam ler. Na Idade Média, faziam parte da vida das pessoas que, cansadas depois de um dia inteiro de trabalho, reuniam-se ao pé da lareira ou nos quartos de fiar para conversar e contar casos¹². Como não havia uma separação rígida entre adultos e crianças, elas também participavam dessas reuniões, ouvindo indiscriminadamente todo tipo de história, muitas delas inspiradas na realidade: “elas [essas histórias] eram a televisão e a pornografia de seu tempo; a subliteratura que iluminava a vida de povos pré-literários¹³”. Talvez por isso, sejam tão freqüentes em suas narrativas, sentimentos e emoções como amor, desejo, inveja, medo, pavor e disputas, que sempre permeiam a vida e confrontam o ser humano com seus predicamentos e atributos mais básicos. A força dos *contos de fadas* tem relação não apenas com o fato de permitir às pessoas mergulhar na imaginação e escapar da realidade concreta, muitas vezes árdua e enfadonha; mas está ligada, principalmente, à mensagem que encerram e às imagens que sugerem com seus temas referentes à morte, às pulsões, aos temores, e às questões reguladoras do equilíbrio social (fertilidade, esterilidade, incesto).

¹⁰ ARIÈS, Philippe apud CLARK PERES, Ana Maria. *O Infantil na Literatura: Uma Questão de Estilo*. Belo Horizonte: Miguilim, 1999. p.24

¹¹ UPDIKE, John apud TATAR, Maria. *op. cit.* nota 9, p.9.

¹² No período medieval, não havia distinção entre o mundo infantil e o mundo adulto e era comum a todos, o tipo de vestuário, os jogos e brincadeiras e o mesmo sistema de trabalho. Não havia tabus sexuais e falava-se abertamente de sexo na frente das crianças, que se misturavam às brincadeiras eróticas dos adultos, até mesmo antes de completarem sete anos. Apenas no final do século XVI, início do século XVII, depois de transformações gradativas, a criança passa a ser olhada com mais atenção e cuidado e tem sua fragilidade e sua inocência preservadas, resultando disso uma outra concepção de educação. CLARK PERES, Ana Maria. *op.cit.* nota 10, p.22-29.

¹³ UPDIKE, John apud TATAR, Maria. *op. cit.* nota 9, p.9.

No início do século XVII, época de Charles Perrault, ocorre, contudo, grande perda da riqueza das imagens e sensações tratadas originalmente. Devido à crescente preocupação com a moral e com a educação das crianças, sucedem alterações substanciais nos antigos *contos de fadas* que comprometem sua identidade original: a imagem da mãe passa a ser desmaculada e a figura da madrasta é introduzida, os conflitos familiares tendem a ser camuflados, o medo e o terror aparecem amortecidos, a virtude é ressaltada como um dogma. Aquelas histórias reais, contadas “outrora” pelos camponeses, acabam se perdendo em nome da boa conduta e o seu conteúdo literário bem como suas emoções mais profundas são a tal ponto diminuídos e deturpados que se desfiguram por completo. Daí surgirem, na conseqüente separação de tudo o que é voltado para a criança, outros contos de fadas, em que os temas originais ou são tratados metaforicamente, ou são simplesmente eliminados, e as narrativas, na maioria das vezes desprovidas de preocupações e angústias, tenderem, muitas vezes, a se tornar vazias ou desinteressantes, servindo apenas como fonte de distração e entretenimento.

2. 2 – Os contos de *Ma Mère L'Oye*

É nesse cenário que surge *Ma Mère L'oye, Contos da Mamãe Gansa*, nome pelo qual a coletânea de contos de fadas do escritor Charles Perrault (1628 – 1703) se tornou popularmente conhecida na França. Publicada em 1697 com o título *Histoires ou Contes du temps passé, avec des moralités, Histórias ou Contos do tempo passado, com moralidades*, esses contos elevaram-se à condição literária e, posteriormente, tornaram-se um modelo mundialmente consagrado e destinado à infância. Dessa coleção fazem parte algumas das histórias mais conhecidas e apreciadas pelo público, entre elas, *A Bela Adormecida, Barba Azul, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, O Gato de Botas e O Pequeno Polegar*. Ao reescrever esses contos, inicialmente apontados como vulgares e toscos, Perrault substituiu o vocabulário camponês das velhas fiandeiras por um outro mais refinado e conveniente aos filhos dos distintos aristocratas franceses. Sua intenção, revelada por, pelo menos um verso ao final de cada conto, explicita-se através de um discurso focado em valores morais com a pretensão de estabelecer princípios de boa conduta e de ressaltar virtudes indispensáveis à formação do indivíduo.

De acordo com Maria Tatar¹⁴, Charles Perrault fazia parte de uma facção “moderna” de escritores, empenhada em renovar a produção cultural de seu país. O grupo era formado por literatos dedicados ao estudo do folclore e se posicionou abertamente contra as idéias dos “antigos”, colegas contemporâneos adeptos da preservação dos padrões clássicos. Infelizmente, os objetivos de Perrault, ao introduzir os contos de fadas na elite francesa, mostravam-se completamente dissociados do crescimento intelectual e de

¹⁴ TATAR, Maria. *op. cit.* nota 9, p.355.

qualquer interesse na sedução e no encantamento da própria leitura. A grande intenção dele estava em conseguir dos leitores, principalmente das crianças, um direcionamento psicológico e moral que fosse apropriado às normas propagadas e difundidas pela comunidade e pela Igreja.

Os *Contos da Mamãe Gansa* foram destinados tanto para as crianças, que se envolviam com as histórias fantasiosas e se identificavam com as situações de conflito familiar, quanto para os adultos, que se deliciavam com as observações e os comentários maliciosos de Perrault. Por não perceber o quanto estava contribuindo para aproximar as culturas popular e de elite e por não achar adequado a um cortesão como ele, assumir a autoria de meros *contos de fadas*, Perrault rejeitou-os por duas vezes, primeiro conferindo-os ao seu filho caçula Pierre e, mais tarde, atribuindo-os à Mamãe Gansa.

Esses contos apresentam uma narrativa tão singular – presença de elementos culturais da época e comentários hilários do autor – que não é surpreendente que o compositor Maurice Ravel, que sempre nutriu grande simpatia por assuntos ligados à criança e à literatura infantil, tenha se sentido profundamente atraído por eles a ponto de musicá-los, preservando seu título. Steven Ledbetter escreve a respeito:

Ravel pôde, apesar de ser um adulto, entrar no mundo da infância como poucos compositores tinham conseguido até então. Pode ser que essa afinidade [com o mundo infantil] viesse de uma paixão comum compartilhada por brinquedos – especialmente os mecânicos (...). Sua simpatia pelo modo de pensar da criança é revelada em suas respostas sobre uma série de ilustrações de contos de fadas franceses, que ele usou como idéia para a composição de uma singela suíte, para piano a quatro mãos, e que ele nomeou *Ma Mère L'oye*.¹⁵

¹⁵ LEDBETTER, Steven. Maurice Ravel. *Ma Mère L'Oye*. <http://www.proarte.org/notes/ravel.htm>

O interesse de Ravel pelo universo da criança e seu gosto pelos temas fantasiosos, compartilhado com o meio artístico-cultural, provavelmente contribuíram para estimulá-lo a compor *Ma Mère L'Oye*. Sua primeira versão, pensada como uma suíte para piano a quatro mãos, foi escrita no período de 1908 a 1910 e dedicada a Mimi e Jean Godebsky, filhos de um casal de amigos. Para essa obra, foram escolhidos dois contos compilados por Charles Perrault, *La Belle au Bois Dormant*, *A Bela Adormecida no Bosque* e *Petit Poucet*, *O Pequeno Polegar*; um conto de Madame D'Aulnoy (c1650 – 1705), *Laideronnette*, *Impératrice des Pagodes*, *A Menininha feia*, *Imperatriz dos Pagodes* e *La Belle et la Bête*, *A Bela e a Fera*, publicado por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1711 – 1780), no livro *Le Magasin des Enfants*.

A orquestração de *Ma Mère L'oye* ocorreu em 1911, em trabalho encomendado por Jacques Rouché, diretor do *Théâtre des Arts*, que convidou Ravel a participar dos famosos balés russos de Sergei Diaghlev. O próprio compositor orquestrou a suíte a quatro mãos e adaptou-a ao roteiro do conto *A Bela Adormecida*, em forma de *ballet*, acrescentando-lhe um Prelúdio, uma cena de abertura e quatro interlúdios.

Com o intuito de buscar reencontrar algumas das sensações dos *contos de fadas* nas quais Ravel se inspirou e relacioná-los à linguagem musical de *Ma Mère L'Oye*, recorreu-se à narração de *A Bela Adormecida no Bosque*, *O Pequeno Polegar* e *A Bela e a Fera*. A construção das versões aqui apresentadas baseou-se nas traduções de Maria Luiza Borges, Renata Cordeiro e Olívia Krähenbühl.¹⁶

¹⁶ A transcrição dos contos emprega textos, citações e comentários próprios e dos autores mencionados adiante tendo como referência os seguintes livros: TATAR, Maria. *op. cit.* nota 9; PERRAULT, Charles. *op. cit.* nota 5 e PERRAULT, Charles. *Histórias ou Contos de Outrora*. São Paulo: Landy, 2004.

2. 2. 1 – A Bela Adormecida no Bosque, de Charles Perrault.

A versão mais conhecida do conto *A Bela Adormecida* é de autoria dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm e data de 1857. No entanto é compreensível que Maurice Ravel tenha se inspirado na adaptação de Charles Perrault não apenas por ser mais próxima do original *Sole, Luna e Talia* (1636) de Giambattista Basile, mas principalmente por guardar fortes traços históricos e culturais da França do século XVII. O título original de Perrault, *La Belle au bois Dormant*, *A Bela Adormecida no Bosque* (1697) nem de longe aponta a esterilidade conjugal, o relacionamento conflituoso entre nora e sogra e fortes tendências canibalescas como elementos integrantes do conto. Enquanto vários contos de fadas destacam as aventuras e os grandes feitos dos heróis, *A Bela Adormecida no Bosque* tem como tópico central o sono encantado da princesa que espera passivamente e sem qualquer iniciativa o “tempo certo” para poder desfrutar o amor de seu príncipe. Segundo Bruno Bettelheim, autor de *A Psicanálise dos Contos de Fadas*¹⁷, a linguagem simbólica desse conto tem relação com a puberdade feminina, período de significativas mudanças durante o qual é comum não só uma certa instabilidade no comportamento da adolescente, mas também uma atitude passiva e introspectiva. É exatamente essa sensação de passividade e contemplação que Ravel, num momento de grandes descobertas da psicanálise¹⁸, vai captar e explorar de modo *sui generis* em sua *Pavana*.

¹⁷ BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p.265-276.

¹⁸ Na primeira década do século XX emergem os escritos de Sigmund Freud que revolucionam a psicologia e o estudo do comportamento humano através da investigação de seus traços psicológicos. Com *Die Traumdeutung*, *A Interpretação dos Sonhos* (1900), Freud desvenda ao entendimento coletivo o significado dos sonhos, o que está por trás deles e a natureza e o poder do Inconsciente. Em *As Aberrações Sexuais* (1905) e *A Sexualidade Infantil* (1905),

A história de Perrault, descrita a seguir, será relatada através de duas versões diferentes, a partir de textos originais do francês¹⁹. O conto apresenta duas partes bem distintas, sendo que, para muitos historiadores folcloristas, a segunda fase constitui uma outra narrativa.

Narração do Conto

Era uma vez um rei e uma rainha que queriam muito ter filhos e, apesar de irem com frequência a todas as estações de águas²⁰ e de fazerem muitas promessas e peregrinações, não conseguiam um descendente. Até que um dia, depois de muito esperar, a rainha deu à luz uma linda menina. O batizado foi em grande estilo e, como madrinhas da criança, foram convidadas as sete²¹ fadas da região. Logo após a cerimônia, houve um banquete e, diante de cada uma das fadas foi colocado um talher²² muito luxuoso como prova de agradecimento pelos dons que elas concederiam à recém-nascida. Porém, no momento em que todos tomavam seus lugares à mesa, surgiu uma fada velha que não havia sido convidada e que, por não sair há mais de cinquenta anos de sua torre, era julgada morta ou enfeitiçada. O rei, então, ordenou que lhe dessem um talher, mas não foi possível conseguir um estojo igual ao das outras fadas, o que a deixou bastante raivosa, resmungando ameaças entre dentes. Uma das jovens fadas ouviu-a e prevendo que ela pudesse se vingar,

contrariando o senso comum da época, ele torna público suas idéias que afirmam que a sexualidade não nasce na adolescência, apenas é reavivada nesse período. BETTELHEIM, Bruno. *Freud e a Alma Humana*. São Paulo: Cultrix, 1993.

¹⁹ PERRAULT, Charles. *op. cit.* nota 5, p.83-95.

PERRAULT, Charles. *op. cit.* nota 16, p.43-65.

²⁰ As estações de águas, no século XVII, eram consideradas milagrosas na cura da esterilidade conjugal.

²¹ O número sete corresponde aos sete dias da semana, aos sete planetas, aos sete graus da perfeição, às sete pétalas da rosa, aos sete galhos da árvore cósmica, etc. Assim, ele designa a totalidade das ordens planetárias e angelicais, a totalidade da ordem moral, a totalidade das energias, principalmente na ordem espiritual. Para os egípcios, simbolizava a vida eterna. Esse número também é característico do culto de Apolo no qual as cerimônias eram celebradas no sétimo dia do mês. O número sete também aparece em diversas lendas gregas: as sete cordas da lira, as sete portas de Tebas, as sete Hespérides... CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

²² Nessa época um talher comum já seria um verdadeiro luxo; o descrito na versão de Perrault como "um magnífico talher, num estojo de ouro maciço, cravejado de diamantes e rubis em que havia uma colher, um garfo e uma faca de puro ouro" caracteriza, ao mesmo tempo, sinal de ostentação e marca de grande deferência.

assim que deixaram a mesa, escondeu-se atrás da cortina para poder se manifestar por último. Cada uma das fadas, então, ofereceu seu dom à princesinha – beleza, inteligência, simpatia, talento musical... – até que, quando chegou a vez da fada velha, todos estremeeceram ao ouvir sua profecia de que a recém-nascida espetaria o dedo num fuso e morreria. A jovem fada, então, saiu de seu esconderijo e disse ao rei e à rainha que sua filha não morreria assim. Ela não tinha como anular o feitiço, mas poderia abrandá-lo fazendo com que a princesa, ao espetar o dedo no fuso, caísse num sono profundo por cem anos, do qual seria despertada por um príncipe. Todavia, o rei, tentando evitar que se cumprisse a magia da fada velha, mandou publicar um decreto proibindo, sob pena de perder a vida, a posse e o trabalho com rocas de fiar²³.

Ao fim de quinze ou dezesseis anos, tendo o rei e a rainha saído para uma de suas casas de campo, aconteceu de a jovem princesa, ao percorrer os vários cômodos do castelo, subir à torre e lá encontrar uma velha, sozinha, fiando em sua roca. Essa boa senhora, apesar de morar ali há anos, não sabia da proibição do rei. A princesa, muito estabonada e curiosa (determinado pelo dom da fada velha), encantou-se pela roca, que até então não conhecia e, ao pegar o fuso, espetou seu dedo²⁴ caindo sem sentidos. A velha fiandeira, alarmada, gritou por socorro e, apesar de todos os esforços para despertar a princesa, nada houve que a fizesse voltar a si²⁵. O rei, que tinha subido à torre devido ao grande tumulto, lembrou-se da predição das fadas e, julgando que não havia mais nada a ser feito, mandou acomodar a filha no mais belo aposento do palácio recomendando que a deixassem dormir em paz. A princesa parecia um anjo e o desmaio não tinha lhe tirado as cores vivas da tez; somente seus olhos estavam fechados, mas respirava tranqüilamente mostrando que não morreria.

²³ Tanto o fuso quanto a roca estão profundamente relacionados às Moiras da cultura grega que, responsáveis pelo destino dos mortais, tecem o “fio da vida” determinando para cada um, a duração de sua vida. Este simbolismo revela o caráter irreduzível do destino que tem no fuso o instrumento representativo da morte. Outra acepção diz respeito ao trabalho de fiandeira, bastante comum no século XVII, que representava a domesticidade; daí o costume de o fuso e a roca serem, muitas vezes, carregados nos cortejos de casamento, diante da noiva.

²⁴ Conforme foi falado, esse conto pode ser visto como um referente ao início da puberdade feminina, na época em torno dos quinze ou dezesseis anos, que conduz a um período de passividade e introspecção e aqui está representado pelo toque do fuso.

²⁵ De acordo com a versão de Perrault, uma das tentativas para acordar a princesa foi esfregar água da rainha da Hungria em suas têmporas. Conta a lenda que um anjo disfarçado teria ensinado a Santa Isabel a receita dessa água indicada contra desmaios e tristeza.

A fada boa, que havia amenizado o feitiço lançado à princesa, foi avisada do incidente por um anãozinho que usava botas-de-sete-léguas²⁶ e chegou numa carruagem de fogo puxada por dragões. Ela aprovou todas as iniciativas do rei, mas como era muito previdente, pensou que a princesa, ao acordar, fosse se sentir sozinha e desnorteada. Assim, tocou todas as pessoas e animais do castelo, excetuando o rei e a rainha, com a sua varinha de condão. Num passe de mágica, todos dormiram para só virem a acordar no mesmo instante que a princesa. Até mesmo o fogo, que crepitava com os espetos de perdizes e faisões, adormeceu. Tudo se deu num minuto; as fadas são muito rápidas nas suas tarefas²⁷ ().*

Então o rei e a rainha, depois de se despedirem da filha, saíram do castelo e proibiram a quem quer que fosse de aproximar-se dele. Em quinze minutos, ainda por obra da fada boa, cresceu em torno do castelo uma mata densa com enorme quantidade de árvores e espinhos entrelaçados que impediam a passagem a qualquer homem ou animal, com o intuito de preservar a princesa dos curiosos.

Cem anos depois, o príncipe, filho do rei que então governava e que não pertencia à mesma família da princesa adormecida²⁸, foi caçar por aqueles lados e se impressionou com as torres que apontavam acima da mata espessa. Cada um a quem indagava lhe respondia uma coisa: uns diziam que aquele era um castelo assombrado por fantasmas, outros que ali era o local secreto de encontro dos feiticeiros. A maioria, no entanto, dizia que ali habitava um ogro²⁹, único a conseguir atravessar aquele matagal, que levava para o castelo todas as criancinhas que agarrava para poder comê-las à vontade. O príncipe não sabia em quem acreditar até que um camponês lhe disse ter ouvido de seu pai que, naquele castelo, dormia uma princesa, a mais bela do mundo, há cem anos, e que um dia, o filho de um rei a quem estava destinada³⁰ a despertaria.

²⁶ Usando essas botas, elemento mágico que constitui o folclore europeu, era possível percorrer sete léguas com uma só passada. Cada légua corresponde a mais ou menos cinco mil quilômetros.

²⁷ Esse é um dos comentários pessoais de Charles Perrault sempre freqüentes em seus contos. Todos os comentários dele, deixados propositalmente no texto com a intenção de ilustrar a sua forma peculiar de narrativa, terão como referência o sinal gráfico asterisco. (*)

²⁸ Observa-se o cuidado de Perrault em esclarecer a ascendência diferente entre o príncipe e a princesa, afastando qualquer possibilidade de relação incestuosa entre eles.

²⁹ Ogro é um gigante voraz que assusta e adora comer criancinhas; conhecido também como tutu, cuca, boitatá, manjaléu, papão ou bicho-papão. Pode-se notar o quanto vários elementos do folclore se misturam e se integram aos contos de fadas.

³⁰ Novamente aqui se faz menção ao destino do qual ninguém escapa e com que se tem apenas de se conformar.

Diante dessas palavras, o príncipe se encorajou, convicto de que poria fim àquele encantamento e, impulsionado pelo amor e pela glória, resolveu se certificar sobre o que havia no interior do castelo³¹. Mal se aproximou do bosque, todo aquele matagal repleto de árvores e espinhos se abriu para lhe dar passagem³². Também não houve qualquer obstáculo à sua entrada no castelo, embora nenhum de seus acompanhantes tivesse conseguido segui-lo, já que as árvores se juntavam não permitindo que eles passassem. Prosseguiu: um príncipe jovem e apaixonado é sempre corajoso(). Entrou, afinal, em um grande pátio em que tudo o que se via era de meter medo: um silêncio horrível, a imagem da morte por toda parte e corpos de homens e animais estendidos como se estivessem mortos. Entretanto, percebeu pelas espinhas e pelos rostos corados dos porteiros, que eles estavam apenas dormindo e que, em suas taças, ainda restavam algumas gotas do vinho que eles tomavam no momento em que adormeceram(*). O príncipe atravessou um grande pátio com piso de mármore, subiu a escada e entrou na sala dos guardas que, dispostos em fila e de baionetas ao ombro, roncavam a valer. Depois, atravessou vários cômodos repletos de damas e pajens que dormiam, alguns de pé, outros sentados. Entrou, enfim, num quarto todo dourado e viu, numa cama de cortinas entreabertas, o mais belo quadro que ele jamais presenciara: uma princesa de quinze ou dezesseis anos cuja beleza resplandecente tinha algo de luminoso e divino³³. Aproximou-se, trêmulo e admirado, e ajoelhou-se perto dela. Então, o encanto teve fim e a princesa despertou; e olhando para ele com o olhar mais terno que o de um primeiro encontro, disse: “És tu, meu príncipe? Como demoraste a chegar!”*

O príncipe, encantado com essas palavras, e mais ainda com o modo como tinham sido pronunciadas, não sabia como expressar sua alegria e seu reconhecimento; garantiu-lhe que a amava mais do que a si próprio. Ele estava mais confuso do que ela; afinal a princesa tivera tempo de sonhar o que poderia dizer a ele, pois, ao que tudo indica (embora a

³¹ A curiosidade de *A Bela Adormecida*, que espeta o dedo no fuso, é contraposta à curiosidade do príncipe, que é recompensado e encontra sua amada.

³² Ao contrário de outras versões mais recentes, o príncipe da versão de Perrault não precisa combater nada nem ninguém para encontrar a princesa; ele chega na “hora certa” e ela já está preparada para recebê-lo.

³³ *cuja beleza resplandecente tinha algo de luminoso e divino*. Em muitos contos de fadas, os heróis se apaixonam pelas suas amadas devido à beleza delas, que simboliza a perfeição. Eles têm de mostrar toda a sua valentia como prova de que são dignos da mulher que amam como, no caso, ao enfrentar a cerca de espinhos para ter acesso à princesa. As heroínas, ao contrário, apenas aceitam passivamente serem amadas.

história nada diga), a boa fada lhe proporcionara lindos sonhos durante o longo sono(). Contudo, depois de quatro horas a conversar, ainda não tinham dito nem a metade do que gostariam um ao outro. Neste ínterim, no entanto, todo o castelo também despertou e embora cada um se dedicasse ao seu serviço, não estavam apaixonados, e acordaram mortos de fome. Uma das damas de honra acabou perdendo a paciência e disse bem alto à princesa que a carne já estava servida(*). O príncipe ajudou a princesa a se levantar e, ao observá-la, disse-lhe cuidadosamente que, apesar de estar vestida “como a minha avó”, nem por isso estava menos bela(*)*.

Dirigiram-se à sala dos espelhos onde lhes foi servida a ceia; músicos com seus violinos e oboés tocaram velhas peças, porém excelentes, embora há cem anos ninguém as tocasse(). Depois, sem perda de tempo, o capelão-mor os casou na capela do castelo³⁴ e a dama de honra cerrou a cortina do leito de núpcias. Os dois dormiram pouco: a princesa, naturalmente, não estava com sono e o príncipe a deixou logo que amanheceu para voltar à cidade, porque seu pai devia estar preocupado com ele(*)*.

O príncipe disse aos pais que se perdera na floresta enquanto caçava e que dormira na cabana de um carvoeiro que lhe oferecera pão preto e queijo. O rei seu pai, que era um homem bom³⁵, acreditou na história, mas a rainha se mostrou bastante desconfiada e, observando que o filho sempre ia caçar e que tinha uma boa desculpa quando passava duas ou três noites fora, não teve dúvidas de que ele estivesse apaixonado. Assim, o príncipe e a princesa viveram por mais de dois anos e acabaram tendo dois filhos ainda mais belos do que a mãe(): a primeira recebeu o nome de Aurora³⁶ e o segundo, de Dia³⁷.*

A rainha, várias vezes, pediu explicações ao filho aconselhando-o a levar uma vida mais regrada. Entretanto, ele não tinha coragem de lhe confiar seu segredo; embora a amasse, também a temia, pois ela era da

³⁴ O capelão-mor os casou na capela do castelo subentende uma preocupação de Perrault em regularizar o vínculo entre o príncipe e *A Bela Adormecida* adequando-os à moral e aos bons costumes.

³⁵ O rei seu pai, que era um homem bom, acreditou na história. Perrault faz uma observação um pouco infeliz com essa frase associando a bondade a uma grande ingenuidade.

³⁶ Alusão à deusa da manhã: do latim *Aurora* e do correspondente grego *Éos*.

³⁷ Menção a *Apolo*, entre os gregos, deus da luz, do Sol, da força, da música, das artes, e ainda, deus que simboliza o equilíbrio, a ordem, a harmonia e a claridade. Todas as manhãs, a *Apolo* cabia a tarefa de transportar o carro do Sol para o alto do céu enchendo a terra de luminosidade; mesmo nome em latim.

raça dos ogros e o rei só a desposara devido à sua grande fortuna³⁸. Na corte, dizia-se que a rainha tinha as mesmas inclinações dos ogros e que, quando via criancinhas, tinha que se conter para não agarrá-las. Por isso, o príncipe, ressabiado, nunca quis lhe contar sobre a vida que levava³⁹. Mas quando o rei morreu, dois anos depois, o príncipe assumiu o trono e anunciou publicamente seu casamento, apresentando a esposa e os filhos aos seus súditos em uma magnífica recepção.

Passado algum tempo, no entanto, o novo rei foi lutar e deixou a rainha-mãe como regente do reino recomendando-lhe muito a esposa e os filhos. Estaria na guerra durante todo o verão e, assim que o filho partiu, a rainha ogra enviou a nora e os netos para uma casa de campo na floresta para poder mais facilmente saciar o seu horrível desejo⁴⁰. Alguns dias depois, ela também foi para lá e disse ao cozinheiro:

– Amanhã, no jantar, quero comer a pequena Aurora.

– Ah, não senhora! – disse o cozinheiro.

– Eu quero – disse a rainha num tom de ogra com vontade de comer carne fresca (*). E quero comê-la ao molho Robert⁴¹.

O cozinheiro, sabendo que não deveria discutir com uma ogra, pegou o facão e subiu ao quarto da pequena Aurora: tinha então quatro anos e veio, pulando e rindo, enlaçar-lhe o pescoço pedindo balas. Ele começou a chorar, deixou o facão cair e, determinado, foi até o viveiro degolar um cordeirinho que preparou com um molho tão bom que agradou a rainha a ponto de ela garantir nunca ter comido nada igual. Nesse meio tempo, ele pegou a princesa Aurora e entregou-a a sua mulher para que ela a escondesse na casa deles.

Uma semana depois, a rainha disse ao cozinheiro:

– Na ceia, quero comer o pequeno Dia.

Ele não replicou e, decidido a enganá-la novamente, foi buscar o menino que estava com um florete na mão duelando com um macaco; tinha apenas três anos. Levou-o à esposa que também o escondeu e, em

³⁸ o rei só a desposara devido à sua grande fortuna. Referência à prática corriqueira dos casamentos arranjados por interesse econômico.

³⁹ Perrault tenta atenuar a mentira do príncipe lhe fornecendo argumentos fortes justificados pelas tendências canibalescas de sua mãe.

⁴⁰ Há muitos mitos e lendas que dizem que, muitas vezes, as bruxas e os bichos-papões devoram suas vítimas, não apenas por prazer, mas também com a finalidade de adquirir suas qualidades e seus atrativos. No caso específico desse conto isto não é explicitado.

⁴¹ O molho *Robert* é especialmente adequado para acompanhar carne bovina e é feito de manteiga, farinha, cebolas, vinho branco, mostarda, água fervida, sal e pimenta.

seu lugar, preparou para a rainha um cabritinho bem macio que ela achou admiravelmente bom.

Tudo estava correndo bem⁴² até que, certa noite, a malvada rainha, mais uma vez, chamou o cozinheiro:

– Quero comer a rainha, minha nora, com o mesmo molho com que comi os seus filhos.

Então, o pobre cozinheiro se desesperou, pois não sabia como poderia enganá-la mais uma vez. A jovem rainha já passara dos vinte anos, sem contar os cem que dormira e tinha a pele um pouco dura, embora bela e branca. Como faria para encontrar um animal tão duro como ela?(*)

Resolveu, para salvar a própria vida, degolar a rainha e subiu ao seu quarto disposto a dar apenas um golpe; tentava enfurecer-se e entrou de punhal na mão em seu quarto. Como não quisesse surpreendê-la, contou-lhe, com muito respeito(*), a ordem que recebera de sua sogra.

– Cumpra o seu dever – disse-lhe ela – oferecendo-lhe o pescoço. Execute a ordem que ela lhe deu. Vou rever os meus filhos, os meus pobres filhos que tanto amei. (ela os julgava mortos desde que os haviam levado sem lhe dizerem nada).

– Não, não – respondeu-lhe o cozinheiro comovido – a senhora não morrerá e nem deixará de rever os seus queridos filhos, mas isso acontecerá na minha casa, onde os escondi. Vou enganar a rainha ogra de novo preparando-lhe uma corça nova em seu lugar.

Levou-a para sua casa onde a rainha se pôs a beijar os filhos e chorar, enquanto ele foi buscar a corça para a ceia da ogra que comeu com o mesmo apetite com que teria devorado a jovem rainha. Estava muito feliz com a sua crueldade e havia planejado dizer ao filho, quando ele voltasse, que os lobos esfomeados haviam comido sua esposa e seus filhos.

Certa noite, quando passeava como de costume, pelos pátios e pelos viveiros da casa de campo para farejar alguma carne fresca, ouviu, na casa que ficava atrás do galinheiro, o pequeno Dia em prantos, pois sua mãe queria castigá-lo por alguma travessura, bem como a pequena Aurora que tentava ajudar o irmão. A ogra reconheceu as vozes da rainha e dos filhos e, furiosa por ter sido enganada, no dia seguinte, ao amanhecer,

⁴² Aqui, mais uma vez, se mostram fortemente o conformismo e a passividade: em hora nenhuma a mãe, *A Bela Adormecida*, se pronuncia ou pergunta pelos filhos.

ordenou, com voz assustadora, que trouxessem para o meio do pátio um caldeirão cheio de sapos, víboras, cobras e serpentes e que nele fossem jogados a nora, as crianças, o cozinheiro e sua mulher: ordenou que os trouxessem com as mãos amarradas nas costas()*.

Estavam todos lá e os carrascos se preparavam para lançá-los ao caldeirão quando o rei, que não era esperado tão cedo, entrou a cavalo no pátio. Ao ver a cena, perguntou o que significava aquilo tudo; ninguém ousava responder-lhe até que, a ogra, furiosa, atirou-se de cabeça no caldeirão sendo devorada rapidamente pelos bichos que ela própria mandara colocar lá dentro. É claro que o rei ficou triste: ela era a sua mãe; mas logo ele se consolou com a sua bela esposa e com os seus dois filhos()*.

MORALIDADE⁴³

Esperar por um tempo um bom e rico esposo,
Galante, encantador, garboso,
É coisa bastante vulgar,
Porém, esperar por um século, e dormente,
Moça igual não se pode achar,
Que durma tão tranqüilamente.

OUTRA MORALIDADE

A fábula deseja apenas nos mostrar,
Que do hímene amíúde os nós tão delicados,
Não deixam de ser bons, ainda que adiados,
Que espere quem se quer casar;
Mas as mulheres, sempre a arder,
Aspiram à fé conjugal,
Que eu não tenho coragem, nem poder
De lhes pregar esta moral.

⁴³ Esta moralidade foi extraída do livro PERRAULT, Charles. *op. cit.* nota 16, p.63.

2. 2. 2 – O Pequeno Polegar, de Charles Perrault.

Assim como *João e o Pé de Feijão* e *O Gato de Botas*, *O Pequeno Polegar* aborda o conhecido tema da “vitória do mais fraco sobre o mais forte”, rememorando a célebre história de *Ulisses e os Ciclopes* e o famoso confronto entre *Davi e Golias*. O conto narra a história de um menino pequeno e pobre que, com a sua astúcia e coragem, enfrenta um poderoso gigante e volta para casa como herói, ajudando toda a sua família a se livrar da fome e da miséria. Apesar de algumas controvérsias sobre o comportamento e o caráter do *Pequeno Polegar* por ele não demonstrar escrúpulos ao roubar o ogro e enganar sem remorsos a mulher que o acolhe, esse conto obteve bastante popularidade.

Na época de Perrault, a vida na França era muito difícil e a pobreza, a doença e a fome rondavam as populações mais humildes. Um grande número de pessoas para alimentar poderia, de fato, determinar a sobrevivência dos membros de uma família. Além da carência absoluta dos meios de subsistência, Perrault trata, nesse conto, também das sensações de desamparo e desespero dos pais e das crianças, em diferentes momentos, consequência da privação e da grande penúria. Manifestando-se, através dessa narrativa, contrário a alguns códigos sociais, Perrault parece criá-la quase como uma sátira, revelando todo seu cinismo ao recompensar *O Pequeno Polegar*, depois de tantas artimanhas e falcatruas, com poder e riqueza.

A história de *O Pequeno Polegar* será apresentada a partir das mesmas referências de *A Bela Adormecida no Bosque*.

Narração do Conto

Era uma vez um lenhador e uma lenhadora que tinham sete filhos, todos meninos. O mais velho só tinha dez anos e o caçula, apenas sete⁴⁴. É de se espantar que o lenhador tivesse tido tantos filhos em tão poucos anos, mas, sua mulher não perdia tempo e costumava ter dois a cada vez⁴⁵(). Eram muito pobres e seus filhos constituíam um fardo muito pesado já que nenhum deles podia ainda ganhar a vida. O que os afligia, também, é que o menor tinha uma saúde muito delicada e não falava uma palavra: tomavam por burrice o seu mutismo que era uma prova da bondade de sua alma(*). Como era muito pequenino e, ao nascer, não era maior do que o dedo polegar, passaram a chamá-lo de Pequeno Polegar. O pobre menino logo se tornou o saco de pancadas da casa e punham a culpa nele por tudo. No entanto, era o mais inteligente e esperto de todos os irmãos e, se falava pouco, escutava bastante.*

Veio um ano de miséria⁴⁶ e a fome castigava tanto que o casal decidiu abandonar seus filhos. Uma noite, estando os meninos já deitados, o lenhador junto ao fogo com a mulher disse com o coração apertado de dor: “Como vês, não podemos mais alimentar nossos filhos. Não conseguiria vê-los morrer de fome diante dos meus olhos e, por isso, resolvi levá-los amanhã para a mata e deixá-los lá⁴⁷. Será bem fácil, pois, enquanto estiverem se divertindo catando gravetos, só teremos de sumir sem que nos vejam”. “Ah!” exclamou a lenhadora, “então serias capaz de abandonar teus filhos?” Por mais que o marido lhe lembrasse toda a pobreza, ela não podia permitir semelhante coisa: era pobre, mas era a mãe das crianças. Entretanto, depois de refletir sobre a dor de vê-los morrer de fome, concordou e foi se deitar chorando.

O Pequeno Polegar escutou toda a conversa de seus pais, pois, desconfiado de que discutiam um assunto sério, levantou-se de sua cama silenciosamente e enfiou-se debaixo do tamborete onde estavam para poder ouvi-los sem que fosse visto por eles. Voltou a se deitar e não

⁴⁴ Famílias grandes eram comuns na França do século XVII, apesar da alta mortalidade infantil.

⁴⁵ O sinal gráfico de asterisco faz menção às intervenções de Charles Perrault no decorrer do conto.

⁴⁶ *Veio um ano de miséria.* Ao que parece, os contos de Perrault foram escritos numa época de grandes privações em que a fome, guerras e epidemias eram uma constante.

⁴⁷ *Não conseguiria vê-los morrer de fome diante dos meus olhos e, por isso, resolvi levá-los amanhã para a mata e deixá-los lá* A proposta de abandono dos filhos parte do pai dos meninos e é amenizada por Perrault revestindo-a de um sentimento de piedade e compaixão.

dormiu o resto da noite, pensando no que fazer. Levantou-se bem cedo e foi à beira de um riacho; ali encheu os bolsos de seixos brancos e voltou para casa.

Toda a família saiu e o Pequeno Polegar não revelou nada do que sabia aos irmãos. Foram para uma floresta muito densa, na qual, a uma distância de dez passos, uma pessoa não via a outra. O lenhador se pôs a cortar lenha e seus filhos a catar gravetos para fazer feixes. O pai e a mãe, vendo-os ocupados no trabalho, foram se distanciando aos poucos, e depois fugiram rapidamente por um atalho.

Quando os meninos se viram sozinhos, começaram a gritar e a chorar com toda força. O Pequeno Polegar deixou que gritassem, pois sabia de um jeito de voltar para casa: enquanto caminhava mata adentro, deixara cair pelo caminho os seixos brancos que tinha nos bolsos. Disse-lhes, então: "Não tenham medo, meus irmãos. Nossos pais nos deixaram, mas eu os levarei de volta para casa. Sigam-me".

Eles o seguiram e o Pequeno Polegar os conduziu para casa pelo mesmo caminho que os levara à floresta. A princípio, não se atreveram a entrar, apenas ficaram junto à porta, para ouvir o que seus pais diziam. Ora, mal o lenhador e a lenhadora chegaram em casa, o senhor da aldeia lhes enviou dez escudos que há muito lhes devia e com o qual eles não contavam mais. Isso lhes deu algum alento, já que estavam morrendo de fome. O lenhador mandou imediatamente sua mulher ao açougue⁴⁸ e como havia muito tempo que não comiam carne, ela comprou três vezes além do necessário para alimentar duas pessoas. Depois de se fartarem, a lenhadora disse: "Ai, meu Deus! Onde estarão os nossos pobres filhos? Teriam uma ótima refeição com o que sobrou. Mas foste tu que os quiseste abandonar. Bem que falei que haveríamos de nos arrepender. O que estarão fazendo agora naquela floresta? Ai, meu Deus, decerto os lobos já os devoraram! Foste bem desumano por teres abandonado nossos filhos⁴⁹."

O lenhador acabou perdendo a paciência, pois ela repetiu mais de vinte vezes que eles se arrependeriam e que ela bem que tinha avisado.

⁴⁸ O lenhador mandou imediatamente sua mulher ao açougue. Na França do século XVII, os camponeses, de modo geral, viviam de mingaus e ensopados, não tendo praticamente a oportunidade de comer carne, considerada um alimento de verdadeiro luxo.

⁴⁹ Ai, meu Deus! Onde estarão os nossos pobres filhos? Mas foste tu que os quiseste abandonar. Bem que falei que haveríamos de nos arrepender. Foste bem desumano por teres abandonado nossos filhos A mãe tenta escapar de sua parcela de responsabilidade pelo abandono dos filhos atribuindo toda a culpa ao pai, recorrendo a Deus e se fazendo de vítima.

Ele ameaçou dar-lhe uma surra caso ela não se calasse. Não que o lenhador não estivesse mais aflito que sua esposa, mas ela o atazanava, e ele era como muitos outros homens, que gostam muito das mulheres que falam bem, mas que acha muito importunas as que querem ter sempre razão⁵⁰. A lenhadora estava em prantos: “Ai meu Deus! Onde estarão agora meus filhos, meus pobres filhos?”*

Uma vez disse isso tão alto que os meninos que estavam à porta, ouvindo, puseram-se a gritar todos juntos: “Estamos aqui! Estamos aqui!”

Ela correu a abrir a porta e disse aos filhos abraçando-os: “Que alegria revê-los, meus queridos filhos! Devem estar cansados e com fome; e você, Pierrot, como estás enlameado, deixa-me lavarti”. Esse Pierrot era o filho mais velho e seu preferido porque tinha cabelos vermelhos como os dela()*.

Sentaram-se à mesa e comeram com tanto apetite que proporcionaram grande prazer aos pais e lhes contaram o medo que tinham sentido na floresta, falando quase sempre todos ao mesmo tempo. Os lenhadores estavam radiantes em ver toda a família reunida novamente, mas essa alegria durou pouco. Tão logo o dinheiro acabou, recaíram no sofrimento de antes e resolveram abandonar os filhos de novo; por segurança, desta vez, os levariam muito mais longe. Porém, não conseguiram conversar em segredo sem serem ouvidos novamente pelo Pequeno Polegar, que pensou resolver a situação como havia feito anteriormente. Apesar de ter se levantado bem cedo no dia seguinte para juntar os seixos, o Pequeno Polegar encontrou a porta fechada com duas voltas e não conseguiu sair de casa. Ficou sem saber como agir até que, ao observar a sua mãe dando a cada filho um pedaço de pão, ocorreu-lhe a idéia de usá-lo no lugar dos seixos para marcar o caminho por onde iriam passar. Assim pensando, enfiou no bolso o seu pedaço de pão.

O pai e a mãe levaram os meninos ao ponto mais denso e mais escuro da floresta e, ali chegando, enveredaram por um atalho deixando-os sozinhos. O Pequeno Polegar não se afligiu porque achava que encontraria facilmente seu caminho pelas migalhas de pão que havia

⁵⁰ *ele era como muitos outros homens, que gostam muito das mulheres que falam bem, mas que acha muito importunas as que querem ter sempre razão. Como se pode observar por este comentário de Perrault, existia um pensamento corrente impregnado de forte senso de orgulho masculino que negava à mulher direito semelhante ao do homem, entre eles o de se expressar demais.*

espalhado por onde passara. No entanto, ficou muito surpreso quando não conseguiu encontrar uma só migalha: os pássaros haviam comido tudo.

Uma sensação de desespero tomou conta de todos; estavam em grandes apuros e, quanto mais andavam, mais se perdiam e se embrenhavam na floresta. A noite caiu e começou a soprar um vento forte que os deixou mais apavorados ainda. Tinham a impressão de ouvir, de todos os lados, uivos de lobos que se aproximavam para devorá-los. Quase não conversavam e nem ousavam virar a cabeça. Depois, desabou uma chuva forte que os encharcou até os ossos. A cada passo escorregavam e caíam na lama, de onde se levantavam imundos, sem saber o que fazer com as mãos.

Então, o Pequeno Polegar subiu ao alto de uma árvore para ver se descobria alguma coisa e, após virar a cabeça para todos os lados, avistou uma luz parecida com uma vela, mas que estava muito longe, do outro lado da floresta. Desceu da árvore e quando pisou o chão, para seu desconsolo, não viu nada. No entanto, depois de andar com os irmãos na direção em que vira a luz, viu-a de novo quando saía da mata. Finalmente, chegaram à casa onde estava a luz, não sem muitos temores porque a perdiam de vista cada vez que passavam por algum vale. Bateram à porta e uma simpática senhora veio abri-la. Ela perguntou o que queriam e o Pequeno Polegar explicou-lhe que eles eram pobres meninos que haviam se perdido na floresta e que precisavam de um lugar para dormir, por caridade. A mulher, vendo-os tão bonitinhos, começou a chorar e lhes disse: “Ai, pobres meninos, aonde vieram parar? Não sabem que esta é a casa de um ogro que come criancinhas?”.

“Ai, senhora!” respondeu-lhe o Pequeno Polegar que tremia feito vara verde, como os irmãos⁵¹. “Que faremos nós? Com toda certeza os lobos da floresta nos comerão esta noite, se a senhora não nos abrigar em sua casa. E sendo assim, preferimos que o senhor seu marido nos coma. Pode ser que, se a senhora pedir, ele tenha piedade de nós”.

A mulher do ogro, acreditando que conseguiria esconder os meninos de seu marido até a manhã seguinte, já que havia um carneiro inteiro no espeto para a ceia dele, deixou-os entrar e levou-os para se esquentarem junto da lareira. Quando começaram a se aquecer, ouviram três ou quatro pancadas fortes à porta. Era o ogro que estava de volta.

⁵¹ *que tremia feito vara verde.* Interessante essa tradução de Maria Luiza Borges, do livro de Maria Tatar, que faz uso de uma expressão popular e também se apropria do folclore.

No mesmo instante, a mulher escondeu os meninos debaixo da cama e foi abrir a porta. O ogro perguntou, primeiro, se a ceia estava pronta e se ela já havia buscado o vinho; em seguida sentou-se à mesa. O carneiro ainda estava sangrando, o que agradou profundamente ao gigante, mas ele farejou à esquerda e à direita dizendo sentir cheiro de carne fresca.

“Com certeza”, respondeu a mulher, “o que estás sentindo é cheiro desse bezerro que acabo de limpar”.

“Sinto cheiro de carne fresca, repito, replicou o ogro olhando de soslaio para a mulher”. E há alguma coisa errada aqui, que eu não estou entendendo”. Assim dizendo, deixou a mesa e foi direto para a cama.

“Ah!” disse. “Então querias me enganar, maldita mulher! Não sei o que me impede de te comer também. O que te vale é seres dura como uma mula velha. Mas aqui está a caça que veio a calhar para os três ogros, amigos meus, que um dia destes vêm jantar comigo”.

E puxou um por um os meninos que estavam escondidos debaixo da cama. Os pobres coitados ajoelharam, pedindo-lhe perdão. Mas estavam lidando com o mais cruel de todos os ogros que, longe de sentir piedade, já os devorava com os olhos e dizia à mulher que seriam saborosos pitéus acompanhados por um bom molho⁵². Foi pegar um enorme facão e, aproximando-se dos pobres meninos, afiou-o numa pedra comprida que segurava com a mão esquerda. Já havia agarrado um deles quando sua mulher interveio:

“Que vais fazer a esta hora? Não há tempo bastante amanhã cedo?”.

“Cala a boca”, disse o ogro. “Matando-os hoje, amanhã estarão mais macios”.

“Mas ainda há tanta carne”, insistiu a mulher, “tem um bezerro, dois carneiros e a metade de um porco”.

“Tens razão”, disse o ogro. “Faze-os cear para que não emagreçam e leva-os para a cama”.

A boa mulher ficou bastante aliviada e lhes deu uma boa ceia, mas os meninos não conseguiram comer nada, tal o pavor que sentiam. Quanto ao ogro, voltou a beber, muito feliz e satisfeito com a fina iguaria que pretendia oferecer aos amigos. Bebeu uma dúzia de copos a mais do que

⁵² Aqui, como na menção ao molho Robert, nota 35, nota-se uma referência à tradição gastronômica francesa que tem na iguaria de seus molhos um de seus maiores segredos.

de costume e o vinho lhe subiu um pouco à cabeça obrigando-o a ir se deitar.

O ogro tinha sete filhas ainda crianças. Essas ogrinhas tinham uma cor muito bonita pois, a exemplo do pai, só comiam carne fresca. Em compensação, os olhos eram pequenos, cinzentos e arredondados, o nariz adunco e a boca enorme com dentes bem afiados e distantes uns dos outros. Ainda não eram muito malvadas, mas prometiam bastante, pois já mordiam criancinhas para lhes chupar o sangue (*).

As sete ogrinhas tinham ido dormir cedo e estavam todas num grande leito, cada uma com uma coroa de ouro na cabeça. Havia, no mesmo quarto, uma outra cama do mesmo tamanho e foi nela que a mulher do ogro colocou os meninos para dormir. Em seguida, foi se deitar ao lado do marido.

O Pequeno Polegar, que havia observado as coroas de ouro na cabeça das filhas do ogro e, temendo que ele se arrependesse de não os ter degolado logo, levantou-se no meio da noite, de mansinho, e trocou os gorros de seus irmãos e o seu pelas coroas das ogrinhas. Queria que o gigante os tomasse pelas filhas e elas por eles aos quais pretendia degolar. Tudo deu certo, conforme previra: o ogro, ao acordar à meia noite, arrependido de ter deixado para o dia seguinte o que poderia ter feito na véspera, saltou depressa da cama e, pegando o facão, disse decidido: “Vamos ver como se comportam os engraçadinhos. Não hesitarei novamente!”

Em seguida, subiu, Tateando, ao quarto das filhas, e aproximou-se da cama onde estavam os meninos. Todos estavam dormindo, exceto o Pequeno Polegar que ficou paralisado de medo ao sentir a mão do ogro apalpando a sua cabeça, como apalpara a de todos os seus irmãos. O ogro, ao sentir as coroas de ouro, observou: “Realmente, eu ia fazer um belo trabalho. Acho que bebi demais ontem à noite”. Em seguida, foi até a cama das filhas onde, ao sentir o gorrinho dos meninos, disse: “Ah, aqui estão os rapazinhos! Não perderei tempo!” Dizendo essas palavras, degolou, sem vacilar, o pescoço de cada uma de suas filhas. Muito exultante, voltou a se deitar ao lado da mulher.

Logo que ouviu o ogro roncar, o Pequeno Polegar acordou os irmãos e mandou que se vestissem rapidamente e o seguissem. Desceram pé ante pé até o jardim e pularam o muro. Correram quase a noite toda, sempre a tremer, e sem saber para onde ir.

Ao acordar, no dia seguinte, o ogro disse à mulher: “Vai lá em cima ‘aprontar’ aqueles peraltas de ontem à noite”. A mulher ficou muito surpresa com a benevolência do marido sem desconfiar o que ele queria dizer com ‘aprontar’. Certa de que a mandara vestir os meninos, subiu ao segundo andar onde, horrorizada, viu suas sete filhas degoladas se esparramando em sangue. Logo desmaiou, pois esse é o expediente que quase todas as mulheres usam em circunstâncias semelhantes(*). O ogro, notando uma grande demora de sua mulher para executar o serviço, resolveu subir ao quarto para ajudá-la e não ficou menos pasmo quando viu aquela cena medonha. “Ah! O que eu fiz?!” exclamou. “Eles vão me pagar, aqueles infelizes, e é já”.

Atirou um pote de água na cara da mulher e vendo-a voltar a si gritou-lhe: “Dá-me aqui as minhas botas de sete léguas”, disse, “para eu ir atrás daqueles moleques”.

Saiu para o campo e depois de correr muito por todos os lados, acabou por encontrar o caminho pelo qual andavam os pobres meninos. Eles não estavam a mais de cem passos da casa de seus pais quando viram o ogro que ia de montanha a montanha numa só passada e atravessava rios tão facilmente como se fossem um regato. O Pequeno Polegar, vendo um rochedo oco perto de onde estavam, escondeu-se ali com seus irmãos, sem deixar de espionar os movimentos do gigante.

O ogro, cansado da longa e inútil caminhada, pois as botas cansam muito quem as usa(*), quis descansar e, por acaso, foi sentar-se sobre o rochedo onde os meninos estavam escondidos. Por encontrar-se exausto, depois de algum tempo dormiu, e começou a roncar tão horrivelmente que provocou nos meninos o mesmo pavor da ocasião em que ele, com o facão na mão, quase os degolou. O Pequeno Polegar não teve tanto medo e disse aos irmãos que corresse depressa para casa, enquanto o ogro dormia profundamente, e que não se preocupassem com ele. Os irmãos obedeceram e foram rápido para casa.

Depois de se aproximar do ogro, o Pequeno Polegar lhe tirou as botas bem devagar, calçando-as na hora. As botas eram muito grandes e largas, mas, como eram mágicas, tinham o poder de aumentar ou diminuir de acordo com quem as calçasse, de forma que se adequaram perfeitamente a seus pés, como se tivessem sido feitas para ele. Em seguida, foi direto à casa do gigante onde encontrou a mulher dele aos prantos, junto às filhas degoladas.

“O seu marido”, disse-lhe o Pequeno Polegar, “corre grande perigo porque foi capturado por um bando de ladrões que o juraram de morte se ele não lhes der todo o ouro e toda a prata que possui. No momento em que estavam com o punhal na sua garganta, ele me viu e me suplicou que viesse avisá-la da situação em que se encontra. Disse para a senhora me dar tudo o que ele tem de valor, sem guardar nada, pois do contrário o matarão sem misericórdia. Como o assunto é urgente, ele quis que eu usasse essas botas de sete léguas para agir depressa e para que a senhora acreditasse em mim”.

A boa mulher, muito assustada, logo lhe deu tudo que tinha, pois, aquele ogro, apesar de comer criancinhas, era um bom marido(). O Pequeno Polegar, carregando todas as riquezas do ogro, regressou à casa de seu pai onde foi recebido com muita alegria.*

Muita gente não concorda com esta última circunstância e entende que o Pequeno Polegar nunca tenha roubado o ogro e que, na verdade, ele nunca sentiu remorsos por lhe tomar as botas de sete léguas porque o ogro as usava apenas para correr atrás das criancinhas. Essas pessoas garantem, de fonte segura por terem comido e bebido na casa do lenhador, que, depois de conseguir as botas mágicas, o menino astuto foi à corte apresentar seus serviços ao rei, que estava muito apreensivo pela falta de notícias de um exército que se encontrava a duzentas léguas de distância dali⁵³. Eles afirmam que o Pequeno Polegar teria dito ao rei que, se Sua Majestade o desejasse, traria notícias do exército antes do final daquele mesmo dia. O soberano lhe prometeu uma grande soma de dinheiro se ele conseguisse tal proeza e o Pequeno Polegar trouxe as notícias naquela tarde mesmo, tornando-se conhecido por essa primeira façanha e conquistando tudo o que desejava. O rei o pagava muito bem para levar as suas ordens ao exército e uma infinidade de damas lhe dava boa quantia para terem notícias de seus amantes; e era com elas que ele ganhava mais(). Havia algumas mulheres que o incumbiam de levar cartas aos maridos, mas o pagavam tão mal, e isso rendia tão pouco, que ele não se dignava levar em conta essa fonte de renda (*).*

Depois de ter exercido, durante algum tempo, o ofício de mensageiro e de ter acumulado uma boa fortuna, o Pequeno Polegar voltou para a

⁵³ duzentas léguas de distância dali. Esta distância equivale a mil quilômetros.

casa de seus pais sendo recebido com imensa alegria. Assegurou o conforto de toda a família com a compra de cargos recém-criados para o pai e para os irmãos, deixando todos bem estabelecidos, e confirmou sua excelente posição na corte.

MORALIDADE⁵⁴

Ninguém sói afligir-se imensamente
De que venham os ilhós irmanados,
Se todos saem belos, caprichados
E com um exterior resplandecente;
Mas se um deles é débil
E nenhuma palavra diz, é flébil,
E também desprezado e escarneado;
Entretanto, já tem acontecido
De a pobre criatura
Dar à família a mais alta ventura.

⁵⁴ Esta moralidade foi extraída do livro PERRAULT, Charles. *op. cit.* nota 16, p.179.

2. 2. 3 – A Bela e a Fera, de Jeanne-Marie Leprince de Beaumont.

A Bela e a Fera é um conto conhecido praticamente por todas as culturas e apresenta duas personagens com características antagônicas que são obrigadas a conviver e que aprendem a se amar superando obstáculos, dentre eles, o da aparência física.

Numa época em que o casamento imposto e movido por interesses era uma prática comum, é possível imaginar a elaboração dessa história como um alento às moças desesperadas com as suas “feras”; uma forma literária de consolo que pudesse aplacar seus sonhos e minimizar seus temores e angústias em relação à corte e ao casamento, encorajando as jovens a encontrar na riqueza a sua maior conquista.

A memória da cultura ocidental tem no mito *Eros e Psique* a interpretação escrita mais antiga do conto *A Bela e a Fera*. Publicado no século II d.C. em *Metamorfoses de Lúcio*⁵⁵, obra também conhecida como *O Asno de Ouro*, esse mito remete a fontes ainda mais remotas e foi escrito, em latim, pelo retórico Apuleius de Madaura. A versão mais conhecida de *A Bela e a Fera*, hoje, é de Madame Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, escrita em 1756 para uma revista francesa feminina e que, por obter grande sucesso, acabou sendo traduzida para a *The Young Misses Magazine*, em 1761. Parecendo querer incutir nas moças do século XVII um modelo de casamento

⁵⁵ Como o próprio nome indica, *Metamorfoses* trata das “transformações” ocasionadas pelo amor e pelo sexo e de suas conseqüências desastrosas quando cada etapa do processo não é devidamente respeitada. Essa obra de Apuleius serviu como inspiração tanto a artistas plásticos, dentre eles Giulio Romano (1492 – 1546), François Gerard (1770 – 1873) e Carpeaux (1827 – 1875) quanto a compositores como Jean-Baptiste Lully (1632 – 1687) e César Frank (1822 – 1890).

BETTELHEIM, Bruno. *op. cit.* nota 17, p.342-349.
MITOLOGIA. São Paulo: Abril, 1973. p. 33-48.

fundamentado na obediência e na resignação, esse conto propõe a *virtude* como um valor acima de qualquer outro, através da qual se pode superar obstáculos como a feiúra ou a inteligência, devendo prevalecer, em qualquer circunstância. Através da personagem *Bela*, que afirma que “os sentimentos de respeito, amizade e gratidão são suficientes para um bom casamento”⁵⁶, madame Beaumont estimula o conformismo e a renúncia como quesitos essenciais a um relacionamento saudável e satisfatório .

O conto *A Bela e a Fera* foi reescrito abaixo a partir da versão do livro de Maria Tatar⁵⁷.

Narração do Conto

*Era uma vez um rico negociante⁵⁸ que vivia com seus seis filhos, três rapazes e três moças⁵⁹. Por ser um homem inteligente⁶⁰, não poupou despesas para educar seus filhos e deu-lhes uma excelente instrução. Suas filhas eram muito bonitas, mas a caçula, especialmente, despertava grande admiração⁶¹. Quando era criança, sempre se referiam a ela como “a pequena bela” e, assim, o apelido *Bela* permaneceu, deixando suas irmãs bastante enciumadas⁶².*

Bela não apenas era mais atraente do que as irmãs, como também tinha uma índole melhor do que a delas. As duas mais velhas se orgulhavam de serem ricas, achavam-se grandes damas e evitavam se

⁵⁶ TATAR, Maria, *op. cit.* nota 9, p.64.

⁵⁷ TATAR, Maria, *op. cit.* nota 9, p.66-83.

⁵⁸ *um rico negociante*. Este conto de fadas, ao contrário da maioria, apresenta uma família tipicamente burguesa de classe alta, que começa a emergir na França pré-revolucionária.

⁵⁹ *que vivia com seus seis filhos, três rapazes e três moças*. Conforme já foi dito, era muito comum, no século XVII, famílias com grande número de filhos.

⁶⁰ *Por ser um homem inteligente*. A inteligência é, nesse início, ressaltada como uma qualidade do pai, mas será, no decorrer do conto, questionada como uma virtude pouco importante na relação de um casal.

⁶¹ *mas a caçula especialmente despertava grande admiração*. Como no mito *Eros e Psique*, o rei tinha três filhas das quais a caçula, *Psique*, era tão venerada por sua beleza, que acabou despertando a ira da deusa *Afrodite*.

⁶² *deixando suas irmãs bastante enciumadas*. Da mesma forma que as personagens *Cinderela* e *Branca de Neve*, *Bela* sofre o escárnio de suas irmãs por causa de sua beleza e é constantemente desprezada e espezinhada por elas.

*misturar com as filhas de outros comerciantes. Só gostavam da companhia de pessoas nobres. Todos os dias saíam a passeio e sempre freqüentavam teatros e bailes, zombando da irmã caçula que passava grande parte de seu tempo lendo bons livros*⁶³.

*Como se sabia o quanto essas moças eram ricas, vários negociantes igualmente abastados se interessavam em casar com elas. As duas mais velhas respondiam que nunca se casariam, a não ser que fosse com um duque ou, pelo menos, com um conde. Bela, de modo bem diferente, agradecia com delicadeza aos que queriam desposá-la e dizia que era muito jovem e que desejava fazer companhia ao pai por alguns anos*⁶⁴.

*Até que um dia, de repente, o negociante perdeu toda sua fortuna, restando-lhe apenas uma pequena casa no campo, bem longe da cidade. Desnortado, disse às filhas*⁶⁵ *que teriam de morar lá e trabalhar como camponeses para sobreviver. As duas mais velhas responderam que não deixariam a cidade porque tinham inúmeros admiradores que se casariam com elas mesmo sem fortuna. Mas estavam enganadas: seus antigos admiradores não queriam saber delas, agora que estavam pobres. E, como ninguém as estimava, devido à sua arrogância, dizia-se: “Que banquem as grandes damas agora, pastoreando carneiros”. Ao mesmo tempo, todo o mundo comentava: “Quanto à Bela, temos muita pena de sua desgraça. É uma moça tão boa! Fala com os pobres com tanta bondade*⁶⁶*, é tão meiga, tão virtuosa...”*

Mesmo sem dinheiro, houve vários pretendentes que surgiram querendo se casar com Bela, mas ela lhes explicou que não teria coragem de abandonar o pai na miséria e que iria para o campo ajudá-lo no trabalho. No início, a pobre Bela ficara muito aflita por perder seus bens, mas depois pensara: “Por mais que eu chorasse, isso não me devolveria a minha fortuna. Tenho de tratar de ser feliz sem ela”.

⁶³ *lendo bons livros.* É bastante insólito em personagens de contos de fadas, principalmente nas personagens femininas, o interesse pela leitura; de modo geral, a elas são reservadas as atividades servis da casa explicitando sua condição hierarquicamente inferior.

⁶⁴ *desejava fazer companhia ao pai por alguns anos.* De acordo com interpretação de Bruno Bettelheim, o conto sugere a ligação edípica de *Bela* com seu pai cujo afeto é transferido, posteriormente, para a *Fera*. Ao contrário do mito *Eros e Psique*, que trata do amor destrutivo de *Afrodite* pelo filho, o conto *A Bela e a Fera* se reveste de um apego sincero e amoroso entre as personagens *Bela*, pai e *Fera*. BETTELHEIM, Bruno. *op.cit.* nota 17, p.342-349.

⁶⁵ Na verdade, o núcleo familiar de *Bela* é compreendido por seu pai e pelas suas duas irmãs; os irmãos pouco participam do conflito do conto.

⁶⁶ *É uma moça tão boa! Fala com os pobres com tanta bondade, é tão meiga, tão virtuosa.* A bondade é ressaltada como uma virtude incomparável e será muito enfatizada nesse conto.

Já instalados na casa de campo, o comerciante e as três filhas se ocuparam lavrando a terra. Bela se levantava às quatro horas da madrugada e se apressava em limpar a casa e preparar o café da manhã para toda a família⁶⁷. No começo, foi tudo muito difícil, pois não estava acostumada a trabalhar como uma criada; passados dois meses, no entanto, tornou-se mais resistente e o trabalho árduo lhe deu uma ótima saúde. Quando terminava seus afazeres, lia, tocava cravo ou fiava enquanto cantava⁶⁸. Suas duas irmãs, em contrapartida, morriam de tédio: levantavam-se às dez da manhã, passeavam o dia inteiro e lamentavam a perda de seus belos vestidos e das antigas companhias⁶⁹.

“Aí está nossa caçula”, diziam entre si. “Tem uma alma tão grosseira e é tão idiota que está contente com sua triste situação”.

O bom negociante não pensava como as filhas e sabia que Bela era uma moça especial, diferente das irmãs. Admirava sua conduta e, sobretudo, sua paciência com as irmãs que, além de lhe deixar todo o trabalho doméstico, insultavam-na a todo instante.

Depois de um ano no campo, o negociante recebeu uma carta informando que um navio, que trazia mercadorias suas, acabara de atracar com segurança no porto. Essa notícia provocou grande rebuliço entre as suas filhas mais velhas que não viam a hora de deixar a vida enfadonha do campo. Quando o pai estava já de saída para a viagem, alcançaram-no e suplicaram que lhes trouxesse vestidos, golas de pele, perucas e todo tipo de bugiganga. Bela não lhe pediu nada, pois pensou consigo mesma que todo o dinheiro recebido com as mercadorias não seria suficiente para comprar tudo o que as irmãs desejavam.

“Não quer que eu lhe traga nada?”

“Já que tem a bondade de pensar em mim, poderia me trazer uma rosa⁷⁰, pois essa flor não cresce aqui”?

⁶⁷ *Bela se levantava às quatro horas da madrugada e se apressava em limpar a casa e preparar o café da manhã para toda a família.* As tarefas domésticas, aqui, têm ligação com uma etapa mais avançada de crescimento na vida de *Bela* mostrando sua capacidade de cuidar, de se envolver no trabalho e, conseqüentemente, de estar apta ao matrimônio.

⁶⁸ *lia, tocava cravo ou fiava enquanto cantava.* Apesar de seu empenho em relação aos afazeres domésticos, *Bela* se permite, também, tempo para atividades que denotam seu gosto pela arte e pela cultura.

⁶⁹ *levantavam-se às dez da manhã, passeavam o dia inteiro e lamentavam a perda de seus belos vestidos e das antigas companhias.* A vaidade das vilãs dos contos de fadas ocupa lugar de destaque entre seus pecados e se contrapõe às qualidades da heroína que se distingue pelo caráter nobre, pela compaixão e pela ética de trabalho.

⁷⁰ Desejar, receber ou dar uma rosa, segundo Bettelheim, são manifestações simbólicas do amor permanente de *Bela* pelo pai e dele por ela. BETTELHEIM, Bruno. *op. cit.* nota 17, p.324.

O bom negociante partiu. Ao chegar ao porto, entretanto, descobriu que havia problemas legais com suas mercadorias e teve que se conformar em voltar para casa tão pobre quanto antes. Só lhe faltavam cinquenta quilômetros para chegar em casa e ele já sentia o prazer de rever as filhas. Porém, antes, precisava atravessar um grande bosque e acabou se perdendo. Nevava bastante e o vento era tão forte que o derrubou duas vezes do cavalo. Ao cair da noite, pensou que morreria de fome ou de frio, ou que seria comido pelos lobos que ouvia uivando á sua volta.

Até que, no final de uma alameda de árvores, viu uma luz bem forte, mas que parecia muito distante. Seguiu naquela direção e observou que a luz vinha de um grande palácio, todo iluminado. O negociante, então, agradeceu a Deus e tratou de chegar logo àquele lugar. Ficou surpreso por não encontrar ninguém nos pátios e seu cavalo, que o seguia, vendo um estábulo grande e vazio, entrou. O animal, morto de fome, não resistiu ao feno e à aveia que encontrou e pôs-se a comer avidamente. O negociante o amarrou no estábulo e se dirigiu ao palácio. Também não havia ninguém, mas, ao entrar num amplo salão, encontrou um bom fogo e uma mesa farta com prato e talheres para uma só pessoa. Estando completamente encharcado, aproximou-se do fogo para se aquecer e pensou: “O dono deste palácio ou seus criados me perdoarão a liberdade que tomei e, certamente, logo vão aparecer”.

Esperou um longo tempo até que, quando soaram onze horas e ninguém aparecia, não resistiu mais à fome: pegou um frango e comeu-o em duas mordidas, tremendo. Tomou, também, algumas taças de vinho e, mais bem-disposto, saiu do salão e atravessou várias outras salas magnificamente mobiliadas. Finalmente, encontrou um quarto e, como já passava da meia-noite e estava realmente exausto, resolveu fechar a porta e se deitar.

Quando acordou, no dia seguinte, já eram dez horas da manhã. Para sua surpresa, encontrou uma roupa limpa no lugar da sua, toda suja e estragada. “Com certeza”, pensou, “este palácio pertence a uma boa fada que sentiu pena de mim”.

Olhou pela janela e não viu mais neve; observou as alamedas com flores que encantavam a vista. Voltou para o salão onde ceara na véspera e percebeu uma mesinha com chocolate quente.

“Muito obrigado, senhora Fada”, disse em voz alta “por ter tido a bondade de me oferecer este chocolate”.

Depois de tomar seu chocolate, o negociante foi à procura de seu cavalo. Ao passar por um canteiro de rosas, lembrou-se do pedido de Bela e colheu algumas para ela. No mesmo instante, ouviu um estrondo e um monstro incrivelmente horripilante se aproximou, fazendo-o quase desmaiar.

“O senhor é muito ingrato”, disse-lhe com voz ameaçadora. “Salvei a sua vida, recebi-o em meu palácio e, para total decepção, queria roubar as minhas rosas que tanto aprecio? Só a morte pode reparar essa falta. Dou-lhe quinze minutos para pedir perdão a Deus”.

O negociante caiu de joelhos e suplicou à Fera: “Perdoai-me, Vossa Alteza, não tinha intenção de vos ofender colhendo essas rosas; estava, apenas atendendo ao pedido de uma de minhas filhas⁷¹”.

“Não me chamo Vossa Alteza”, respondeu o monstro, “mas Fera. E não gosto de elogios, muito mais me agrada quem diz o que pensa. Por isso não tente me comover com bajulações. Mas disse que tem filhas. Disponho-me a perdoá-lo com a condição de que uma delas se ofereça voluntariamente para morrer em seu lugar. Portanto, pode partir, mas se nenhuma de suas filhas se prontificar a morrer por você, quero que jure retornar em três dias”.

O bom homem não tinha nenhuma intenção de sacrificar nenhuma de suas filhas àquele monstro, mas pensou: “Pelo menos terei o prazer de abraçá-las uma última vez”. Desta forma, jurou que voltaria e a Fera liberou-o para ir embora. “Mas não quero que vá de mãos vazias. Vá ao quarto onde dormiu e lá encontrará um grande cofre vazio; coloque dentro tudo o que quiser que mandarei levá-lo à sua casa”.

Logo que a Fera se afastou, o comerciante pensou: “Se tenho de morrer, terei o consolo de deixar alguma coisa para minhas pobres filhas”.

Pensando assim, voltou ao quarto onde dormira e, ali, encontrando grande quantidade de moedas de ouro, encheu com elas o cofre do qual a Fera lhe falara. Fechou-o, foi buscar seu cavalo e deixou o palácio com uma tristeza imensa, proporcional à alegria de quando entrara nele. O cavalo escolheu, instintivamente, uma das trilhas da floresta e, em poucas horas, o negociante chegou em casa.

⁷¹ O pedido ingênuo e modesto da filha caçula, nos contos de fadas, é freqüentemente usado como desencadeador de vários contratempos que impulsionam toda a trama.

Suas filhas se reuniram em torno dele, mas em vez de se alegrar com seus carinhos, o negociante pôs-se a chorar ao revê-las. Tinha na mão as rosas que colhera para Bela e, ao entregá-las a ela disse: “Bela, guarde essas rosas; elas me custaram muito caro”. E então, contou à sua família a aventura que vivera. Ao ouvir o relato do pai, as filhas mais velhas lançaram insultos a Bela que não chorava: “Vejam o resultado do orgulho desta criatura. Por que não pediu artigos de beleza como nós? Mas não, tem que ser sempre diferente. Vai causar a morte de nosso pai e nem, ao menos, é capaz de derramar uma só lágrima”.

“Seria completamente inútil”, retrucou Bela. “Por que eu choraria a morte de meu pai se ele não vai morrer? Já que o monstro está disposto a aceitar uma de nós no lugar dele, vou me entregar à sua fúria. Estou muito feliz porque, morrendo, terei a alegria de salvar meu pai e de lhe provar todo o meu afeto⁷²”.

“Não, minha irmã”, replicaram os seus três irmãos⁷³. “Você não vai morrer. Vamos encontrar esse monstro e perecer em suas garras se não conseguirmos matá-lo”.

“Não contem com isso, meus filhos”, disse-lhes o pai. “A força da Fera é tamanha que seria impossível matá-lo. Fico comovido com o bom coração de Bela, mas não quero expô-la à morte. Estou velho e não me resta muito tempo de vida; portanto, perderei apenas alguns anos e só lamento por vossa causa, meus filhos queridos”.

“Não irá a esse palácio sem mim”, insistiu Bela. “Não pode me impedir de segui-lo. Embora seja jovem, não sou muito apegada à vida e prefiro ser devorada por esse monstro a morrer pela dor de perdê-lo⁷⁴”.

Foi inútil argumentar. Bela estava decidida a partir com o pai para o palácio. A idéia agradou às suas irmãs, pois tinham muita inveja das virtudes da caçula. O negociante estava tão entregue à dor da perda, que acabou por esquecer completamente do cofre com as moedas de ouro e ficou muito espantado de, ao se deitar, deparar-se com ele junto à sua cama. Preferiu não contar aos filhos sobre a fortuna que tinha consigo

⁷² terei a alegria de salvar meu pai e lhe provar todo o meu afeto. Aqui se mostra, mais uma vez, a ligação edípica entre Bela e seu pai.

⁷³ De uma hora para outra os três irmãos retornam à trama da história.

⁷⁴ prefiro ser devorada por esse monstro a morrer pela dor de perdê-lo. De acordo com Bettelheim, aqui se configura completamente a ligação edípica entre Bela e seu pai. Ele é o responsável pela união da filha com a Fera e a filha somente concorda em ir para o palácio por amor ao pai, um amor ainda infantil que, gradativamente, será transformado num amor livre e maduro. BETTELHEIM, Bruno. *op. cit.* nota 17, p.322-325.

porque as moças o importunariam para voltar para a cidade e ele queria ficar no campo. Confiou o segredo apenas a Bela que, por sua vez, mencionou a visita de dois fidalgos interessados em casar com suas irmãs. Ela pediu ao pai que as casasse; gostava das irmãs, apesar de tudo, e as perdoava de coração por tudo que lhe haviam feito⁷⁵.

As duas moças malvadas esfregaram cebola nos olhos para chorar quando Bela partiu com o pai; os irmãos e o pai, esses sim, choraram de verdade. Somente Bela não chorou, pois não queria aumentar a dor de seus familiares.

Tomaram o caminho do palácio e, à noite, puderam vê-lo todo iluminado, como da primeira vez. Deixando o cavalo sozinho no estábulo, Bela e o pai entraram no grande salão onde encontraram uma mesa muito bem servida, preparada para duas pessoas. O negociante não tinha vontade de comer, mas Bela, esforçando-se para parecer tranqüila, sentou-se à mesa e o serviu. Ela pensou: “A Fera quer me engordar antes de me comer, visto que me serve esta bela refeição”. Assim que acabaram de cear ouviram um forte barulho e o negociante disse adeus à filha, chorando; sabia que a Fera se aproximava. Bela não pôde conter um arrepio quando viu aquela figura pavorosa, mas controlou-se e, quando o monstro lhe perguntou se viera por vontade própria respondeu-lhe, tremendo, que sim.

“Você é muito bondosa”, disse-lhe a Fera “e sou-lhe muito grato. Quanto ao senhor, meu bom homem, parta pela manhã e nunca mais ouse voltar aqui. Adeus, Bela”.

“Adeus, Fera”, ela respondeu, e o monstro se retirou de imediato.

“Ah, minha filha!” disse o negociante abraçando Bela. “Estou quase morto de pânico. Acredite no seu pai, deixe-me ficar aqui”.

“Não, meu pai”, Bela respondeu com firmeza. “O senhor partirá amanhã cedo e me deixará aqui. Talvez, lá no céu, tenham piedade de mim”.

Os dois se recolheram pensando que não conseguiriam dormir durante a noite; entretanto, mal acabaram de se deitar, seus olhos se fecharam. Durante seu sono, apareceu para Bela uma dama que lhe disse: “Estou contente com sua atitude, Bela. Seu bom coração, oferecendo a própria vida para salvar a do seu pai, não ficará sem recompensa”.

⁷⁵ Assim como *Cinderela*, Bela se mostra extremamente generosa e perdoa suas irmãs sem nenhum rancor.

Ao acordar, *Bela* contou seu sonho ao pai que, apesar de um pouco menos desolado, soluçou desesperadamente ao se despedir de sua filha querida.

Ao se ver sozinha, *Bela* sentou-se no salão e começou a chorar também. Mas como era muito fervorosa, colocou-se nas mãos de Deus e decidiu não se atormentar durante o pouco tempo de vida que lhe restava. Estava convicta de que a Fera iria devorá-la ao cair da noite.

Enquanto esperava, resolveu andar pelo palácio e não pôde deixar de admirar sua beleza. E qual não foi o seu espanto ao encontrar, escrito numa porta Aposentos de *Bela*? Abriu-a num impulso e ficou fascinada com tanta suntuosidade; porém, o que mais lhe agradou foi um armário cheio de livros e um cravo à sua disposição.

“Não querem que eu me aborreça”, murmurou. Mas logo em seguida pensou: “Se eu fosse ficar aqui apenas um dia não estariam me oferecendo tantos presentes”. Esse pensamento a animou. Abriu um armário e viu um livro com letras douradas no qual estava escrito: “Vossos desejos são ordens. Aqui, sois a rainha e a senhora”.

“Pobre de mim!” pensou, com um suspiro. “Tudo que desejo é rever meu pai e saber o que está fazendo agora”. Foi apenas um pensamento, mas qual não foi a sua surpresa, quando, ao olhar para um espelho, viu nele refletida a imagem de seu pai que chegava em casa com um semblante profundamente abalado. Suas irmãs iam ao encontro dele, mas, apesar dos esforços para parecerem tristes, percebia-se grande contentamento pela perda da irmã caçula. Num instante, as imagens desapareceram do espelho, e *Bela* sentiu que a Fera era bastante condescendente e que não precisava temê-lo.

Ao meio-dia encontrou a mesa posta e, enquanto almoçava, ouviu uma excelente música, embora não visse ninguém. À noite, ao se sentar à mesa, ouviu um estranho ruído feito pela Fera e não pôde refrear um calafrio.

“*Bela*”, perguntou o monstro, “incomodo se a vejo cear?⁷⁶”

“É o senhor quem reina neste castelo” respondeu-lhe *Bela* tremendo.

“Não”, rebateu a Fera, “não há aqui outra senhora além de *Bela*. Caso a esteja aborrecendo, basta uma palavra sua e vou-me embora. Diga, a senhorita me acha muito feio?”

⁷⁶ O diálogo que se segue, com uma tendência filosófica pouco comum aos contos de fadas, apresenta reflexões sobre a beleza, a virtude e a inteligência.

“Acho sim”, disse Bela. “Não sei mentir, mas acredito que seja muito bom”.

“Tem razão”, disse o monstro, “mas, além de feio, não tenho inteligência; na verdade não passo de um animal”.

“Não pode ser um animal se acha que não tem inteligência”, replicou Bela. “Um tolo nunca sabe que é tolo”.

“Então coma, Bela”, disse o monstro, “e trate de não se aborrecer na sua casa. Tudo isto é seu e eu ficaria desolado de não a ver feliz”.

“O senhor é muito bondoso”, disse Bela. “Confesso que seu coração me agrada bastante e, quando penso nele, o senhor não me parece tão feio”.

“Oh! senhorita”, respondeu a Fera. “Eu tenho um bom coração, mas eu sou um monstro”.

“Existem, certamente, homens mais monstruosos que o senhor”, disse Bela. “Gosto mais do senhor com essa feição do que daqueles que, ostentando uma aparência de homem, escondem um coração falso, corrompido e ingrato”.

“Se eu fosse inteligente eu lhe agradeceria com um grande elogio, mas eu sou apenas uma besta”.

Bela ceou com grande apetite e quase não sentia mais medo do monstro. Mas esteve a ponto de morrer de susto quando a Fera lhe perguntou:

“Bela, aceita ser minha esposa?”

Ficou algum tempo em silêncio; tinha medo de provocar a cólera do monstro recusando-o. Mesmo assim, disse, tremendo:

“Não, Fera”.

No mesmo instante, o pobre monstro deu um suspiro profundo e arfou de forma tão medonha que o som ecoou por todo o palácio. Mas Bela logo se tranqüilizou, ao ouvir da Fera “Adeus, Bela”, que saiu do salão, virando-se a toda hora para olhá-la mais uma vez.

Ao se ver sozinha, Bela sentiu grande compaixão por aquele monstro. “Ai”, pensou, “é mesmo pena que seja tão feio. Parece ter um ótimo coração!”

Bela passou três meses naquele palácio, em total tranqüilidade. Todas as noites, a Fera lhe fazia uma visita distraíndo-a durante a ceia, embora não fosse propenso a conversas espirituosas. Sua freqüente presença fizera Bela se acostumar à sua feiúra e esperar, consultando o

relógio, pelo momento de encontrar a Fera, por volta das nove horas⁷⁷. Apenas uma coisa incomodava-a: é que o monstro, antes de se retirar, sempre lhe perguntava se ela queria se casar com ele e ficava profundamente ferido diante da resposta não.

Um dia, Bela lhe falou: “O senhor está me fazendo sofrer, Fera. Gostaria de poder desposá-lo, mas sou muito sincera para iludi-lo dizendo que isso, um dia, poderá acontecer. Serei sempre sua amiga e deve se contentar com isso”.

“Não me resta outra coisa”, respondeu a Fera. “Não me engano a meu respeito, sei que sou horrível. Mas a amo muito e, seja como for, fico feliz que aceite permanecer aqui. Prometa-me que não me deixará”.

Bela se desconcertou com essas palavras. Soubera pelo espelho que seu pai estava doente de tristeza por tê-la perdido e desejava revê-lo.

“Posso prometer nunca deixá-lo para sempre”, disse Bela, “mas gostaria muito de visitar meu pai que morreria de dor se o senhor me recusasse esse pedido”.

“Preferiria morrer a fazê-la sofrer”, respondeu a Fera. “Vou enviá-la à casa de seu pai, mas se a senhorita não voltar, morrerei de dor”.

“Não”, disse Bela chorando. “Meu afeto é muito grande para causar sua morte. Prometo voltar em oito dias. O senhor me permitiu saber que as minhas irmãs se casaram e que meus irmãos partiram para o exército. Meu pai está sozinho; consinta que eu passe uma semana com ele”.

“Estará lá amanhã cedo”, disse a Fera. Mas não se esqueça de sua promessa; quando quiser voltar, basta que coloque seu anel sobre uma mesa antes de se deitar”.

Depois dessas palavras, a Fera suspirou, como era de seu costume e Bela foi se deitar triste por tê-lo feito sofrer. De manhã, ao despertar, estava na casa de seu pai. Ao tocar uma sineta que estava ao lado da cama, uma criada entrou e deu um grito forte de susto por revê-la. O negociante acudiu ao grito e, com extrema alegria, pai e filha se abraçaram demoradamente por um bom quarto de hora. Bela, após o reencontro, lembrou-se de que não tinha nada para vestir e a criada lhe trouxe, do quarto vizinho, um grande baú cheio de vestidos dourados enfeitados com diamantes. Em pensamento, Bela agradeceu à Fera por suas boas

⁷⁷ Bela, do mesmo modo que *Psique*, leva uma vida muito agradável no palácio onde tem todos os seus desejos realizados como num passe de mágica e, assim como a heroína grega, espera ansiosamente pelos encontros com a *Fera*, que rompe sua solidão.

intenções. Depois, pegou o menos rico dos vestidos e pediu à criada que trancasse os outros, pois iria dá-los às irmãs. Mal expressou sua vontade, o baú desapareceu. Seu pai, então, lhe disse que a Fera queria que ela ficasse com os vestidos e, imediatamente, os vestidos e o baú reapareceram.

Enquanto Bela se vestia, suas irmãs foram avisadas de sua chegada; todas duas estavam muito infelizes. A mais velha se casara com um fidalgo, tão belo quanto o Amor⁷⁸ e apaixonado pela sua própria imagem; só pensava em si mesmo e desconsiderava completamente a beleza da esposa. A segunda se casara com um homem muito inteligente que menosprezava todo mundo, a começar pela mulher. As irmãs de Bela quase morreram de inveja ao vê-la vestida como uma princesa e ainda mais bela do que o Dia⁷⁹. Em vão, Bela tentou consolá-las, mas só conseguiu aumentar-lhes a inveja ao contar o quanto era feliz. As duas irmãs invejosas desceram para chorar no jardim e pensaram: “Por que esta criatura insignificante é mais feliz do que nós se somos muito mais encantadoras do que ela?”

“Minha irmã”, disse a mais velha, “tive uma idéia. Vamos segurar Bela aqui além dos oito dias que prometeu à Fera⁸⁰”. Aquele monstro ficará tão furioso por ela lhe faltar com a palavra que talvez até a devore.”

“Está certo, minha irmã”, respondeu a outra. “Para isso vamos precisar lhe fazer mil agradinhos”. Tendo arquitetado esse plano, elas entraram em casa e se mostraram extremamente carinhosas com Bela que chorou de alegria. Depois de transcorridos os oito dias, as duas irmãs fingiram se desesperar com sua partida e Bela, dividida, acabou prometendo ficar mais oito dias. No entanto, ela se recriminava pela dor que causaria à sua pobre Fera, de quem aprendera a gostar e sentia muita falta. Na décima noite que passava na casa de seu pai, Bela sonhou que estava no jardim do palácio e que via a Fera, caída na grama quase morrendo e censurando-a por ingratidão. Bela acordou num sobressalto e caiu em prantos.

⁷⁸ tão belo quanto o Amor. Perrault se refere ao deus Eros, filho de Afrodite que se apaixonou perdidamente por Psique. Eros, bem diferente de Cupido, um garoto travesso e irresponsável, é representado como um jovem adulto no auge da beleza e força de sua masculinidade. BETTELHEIM, Bruno. *op. cit.* nota 18, p.24.

⁷⁹ e ainda mais bela do que o Dia. Referência ao deus Apolo, conforme nota 36 deste capítulo.

⁸⁰ As irmãs de Bela, movidas pela inveja, acabam por convencê-la a não cumprir sua promessa da mesma forma que no mito Eros e Psique, as irmãs de Psique a persuadem a desobedecer a Eros incutindo-lhe a dúvida e o medo. Em ambos os casos, a responsabilidade por não manter a palavra é atribuída às irmãs e não às heroínas transgressoras.

“Não é muita maldade minha fazer sofrer a Fera que me trata com tanto carinho?” pensou consigo mesma. “É culpa dele ser tão feio e não ter muita inteligência? Ele é bom e é isso o que mais importa. Por que não quis me casar com a Fera? Seria mais feliz ao seu lado do que minhas irmãs com seus maridos. Não é nem a beleza nem a inteligência de um marido que faz uma mulher feliz. É o caráter, a virtude, a bondade e a Fera tem todas essas qualidades. Não o amo, mas sinto grande estima, amizade e carinho por ele. É errado fazê-lo infeliz e eu me condenaria o resto de minha vida por isso.”

Depois dessas palavras, Bela se levantou, colocou o anel sobre a mesa e se deitou novamente. Adormeceu logo e, ao acordar de manhã, viu com alegria que estava no palácio da Fera. Vestiu-se com requinte para lhe agradecer e esperou ansiosamente todo o dia para que a noite chegasse e pudesse se encontrar com ele. Mas quando o relógio, por fim, soou nove horas e a Fera não apareceu, Bela temeu, então, ter causado sua morte. Correu por todo o palácio gritando desesperadamente. Após ter procurado por toda parte, lembrou-se de seu sonho e correu para o jardim, na direção do canal, onde o tinha visto. Lá, encontrou sua pobre Fera caída no chão, inconsciente, e pensou que tivesse morrido.

Atirou-se sobre seu corpo, sem sentir nenhum horror e, ao perceber que seu coração ainda batia, pegou água no canal e jogou-a sobre seu rosto. A Fera abriu os olhos e disse à Bela: “Você esqueceu a sua promessa. A dor de perdê-la me fez decidir morrer de fome, mas morro contente já que tenho o prazer de revê-la mais uma vez”.

“Não, minha querida Fera, não vai morrer: vai viver para se tornar meu marido! Desde já lhe concedo minha mão e juro pertencer somente a você. Julguei que fosse apenas amizade, mas a dor que sinto demonstra que não posso viver sem a sua presença”.

Mal pronunciara essas palavras, Bela viu o castelo resplandecer de luz, com fogos de artifício e música; tudo anunciando uma festa. Mas os esplendores não prenderam sua atenção e voltou-se para a Fera, cujo estado a inquietava. Que grande surpresa teve! A Fera desaparecera e ela viu a seus pés um príncipe mais belo que o Amor⁸¹ que lhe agradecia por ter posto um fim ao seu encantamento. Embora o príncipe merecesse toda a sua atenção, Bela não pôde deixar de perguntar onde estava a Fera.

⁸¹ um príncipe mais belo que o Amor. Novamente, aqui, uma menção ao deus Eros.

“Está a seus pés” disse-lhe o príncipe. “Uma fada má condenou-me a viver com a aparência de um monstro até que uma bela moça aceitasse me desposar⁸². Proibiu-me, também, de deixar minha inteligência aparecer. Você foi a única pessoa no mundo boa o suficiente para conseguir perceber minha integridade e meu caráter. Nem lhe oferecendo minha coroa poderei saldar a dívida de gratidão que tenho com você”.

Bela, muito feliz com tudo que estava acontecendo, deu a mão ao belo príncipe, que se ergueu. Foram juntos para o castelo e ela teve nova surpresa ao encontrar no salão o pai e toda sua família, que a dama do sonho havia transportado para lá.

“Bela”, disse-lhe a dama, que era uma fada, “venha receber sua recompensa pela boa escolha: você preferiu a virtude à beleza e à inteligência; portanto, merece encontrar essas qualidades reunidas numa mesma pessoa. Espero que se torne uma grande rainha e que o trono não destrua suas virtudes”. “Quanto às senhoras”, dirigiu-se às irmãs de Bela, “vou transformá-las em duas estátuas, mas deixarei toda sua razão sob a pedra que as encobrirá. Permanecerão na porta do palácio de sua irmã para que possam, como castigo, testemunhar toda a felicidade dela. Só poderão retornar ao seu estado anterior depois de reconhecerem seus erros, mas penso que serão estátuas para sempre. Podemos repensar sobre o orgulho, a cólera, a gula e a preguiça; entretanto, a conversão de um coração mau e invejoso seria uma espécie de milagre”.

Em seguida, a fada moveu sua varinha e transportou todos os que estavam ali para o reino do príncipe. Seus súditos o receberam com alegria e ele se casou com Bela, com quem viveu por muitos e muitos anos em perfeita felicidade, felicidade essa fundada na virtude.

⁸² *Uma fada má condenou-me a viver com a aparência de um monstro até que uma bela moça aceitasse me desposar. Não se explica muito bem o motivo pelo qual o príncipe é enfeitado. Em algumas versões, a causa é sua extrema arrogância; em outras, sua falta de compaixão para com uma fada, disfarçada de mulher pobre e necessitada, que o colocara à prova.*